

Literatura , a “salvação da lavoura”

Por Gislaine Buosi

Como disse Bandeira, “A poesia está em tudo — tanto nos amores quanto nos chinelos, tanto nas coisas lógicas quanto nas disparatadas”. Isso equivale a dizer que há um lugar, ao mesmo tempo, grave e açucarado para escrevermos o bloqueio das atividades da Plataforma X, os bombardeios de Israel a Beirute, os vexames das campanhas eleitorais à prefeitura da maior cidade da América Latina, São Paulo, com personagens de carne e osso que, sim, cabem na prosa e na poesia engajadas.

Com razão Antonio Candido, crítico literário a quem o mundo letrado presta homenagens, ao dizer que a Literatura deveria ser, não um capítulo às margens da sociedade, e sim um artigo da lei maior do país. Isso porque a Literatura, enquanto ciência de inclusão social, criticidade e deleite, é, sem dúvida, uma ponte entre o conhecimento e a igualdade social, objetos dos mais inflamados discursos políticos, permeados de expectativas falaciosas. A necessária “quota de humanidade”, nas palavras de Candido, há muito foi posta de lado, cedendo lugar a interesses particulares, que azeitam as engrenagens da corrupção – e, certamente, isso poderia, pelo menos em parte, ser reparado se o eleitor fosse mais seletivo e menos ingênuo. É inegável: tais pressupostos são alcançáveis por meio do conhecimento.

Enquanto isso, grande parte dos brasileiros fica à mercê da desinformação – e, pior do que isso, replica-a, com a celeridade e a eficiência daquele que se dispõe a marcar, a ferro, o gado que não lhe pertence. Com efeito, a Literatura, ao contrário do que alguns desavisados consideram, presta-se a dar voz aos marginalizados sociais, matéria-prima dos mais consagrados escritores. No milênio passado, o francês Victor Hugo jogou luz ao miserável Jean Valjean, que cumpriu vinte anos de trabalhos forçados, por ter furtado frutas; com os pequenos delinquentes da praia soteropolitana, na voz de Jorge Amado, foi revelado o fracasso das instituições estatais no combate às desigualdades, de um Brasil que faz, dessa mazela social, a principal moeda de campanhas eleitoreiras; Graciliano Ramos, como que autobiograficamente, trouxe o menino mais novo e o menino mais velho, estereótipos da infância invisível, que não tem querer, nem brinquedos, nem cadernos. Por seu turno, a voz de Monteiro Lobato, com voz de fazendeiro falido do Vale do Paraíba, acertou ao buscar a salvação da lavoura, pontuando “ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”. Sim, a Literatura provoca, denuncia, socorre e seduz.

Num passado recente, Cristóvão Buarque, hoje ex-senador da República, intentou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), com a finalidade de inserir-se, no caput do artigo 6º da Constituição de 1988, o direito à busca pela felicidade. Mais acertado é consagrar-se, primeiro, o direito à Literatura – depois dela, o mundo experimentará consequências humanizadas.